

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CPAQ – CAMPUS DE AQUIDAUANA – MS
CURSO DE LETRAS**

ANA FLÁVIA CAROLINA MARTINS PAEL PEREIRA

**A ATUAÇÃO POLÍTICA DA ESCRITORA PAGU (PATRÍCIA GALVÃO) EM
TEXTOS NO JORNAL “O HOMEM DO POVO”**

**Aquidauana - MS
Outubro/2023**

ANA FLÁVIA CAROLINA MARTINS PAEL PEREIRA

**A ATUAÇÃO POLÍTICA DA ESCRITORA PAGU (PATRÍCIA GALVÃO) EM
TEXTOS NO JORNAL “O HOMEM DO POVO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitação Português/Inglês, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Alonso Tôres Freire.

**Aquidauana - MS
Outubro/2023**

**A ATUAÇÃO POLÍTICA DA ESCRITORA PAGU (PATRÍCIA GALVÃO) EM
TEXTOS NO JORNAL “O HOMEM DO POVO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitação Português/Inglês, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador Prof. Dr. José Alonso Tôrres Freire.

1º Examinador Prof. (a). Profa. Me. Elenir Vilharva de Lima.

2º Examinador Prof. (a). Profa. Dra. Diana Milena Heck.

Aprovada em: 23 de novembro de 2023.

Aquidauana- MS
Outubro/2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, aos meus colegas e amigos que a faculdade trouxe, por me auxiliarem desde o primeiro momento em proporções que não sou capaz de dimensionar. Sendo assim, em especial à/ao: Léia, Lucas, Patrícia, Joslaine, Eliamara, Kali, Juliana, Ana Beatriz, Fernanda, Elisângela, Tatiane, Cássia e Andreza. Sem o apoio de vocês, eu não teria chegado tão longe, nem dado tantas risadas. Aprendi sobre o significado de parceria e cuidado com a ajuda de cada um de vocês. Obrigada!

Minha caminhada no universo de pessoas que se interessam por leitura, escrita, ensino e línguas estrangeiras não teve início quando coloquei os pés na faculdade. Então, gostaria de deixar registrado o agradecimento para aquela que, desde que consigo me lembrar, sempre incentivou a veia artística que existe em mim e que nunca deixou de ser inspiração, independente do tempo ou distância entre nós. Larissa, eu não achava que chegaria tão longe, mas sei que, nem por um segundo, você duvidou dessa capacidade. Agradeço pelas trocas, pela admiração e pela reciprocidade entre nós. Existem poucas coisas nesse mundo que eu amo mais do que escrever, uma delas é você.

Agradeço à Josefa, por ter aberto a porta de sua casa quando me mudei para Aquidauana, por todo o incentivo, apoio e carinho. Inesperada e necessária foi a sua atitude e, por tudo isso, muito obrigada!

Ao corpo docente do curso, que sempre demonstrou apoio, disponibilidade e empatia, independente das circunstâncias. Destaco a importância de alguns professores: Márcio, Caroline, Marcos, Diana, Allan, Alex, Elenir, Bruno, Rejane, Vinícius Massad, Vinícius de Oliveira e Pedro. Por toda ajuda e apoio demonstrados ao longo dessa caminhada, por aulas inesquecíveis e agregadoras, pela parceria nos projetos e puxões de orelha, quando necessários. Registro aqui o meu agradecimento.

Aos auxílios da UFMS e bolsas Capes e CNPq, que me acompanharam durante todos os anos de graduação e que contribuíram, não só pela minha permanência no curso, mas, também, pela colaboração no desenvolvimento profissional nas áreas da docência e da pesquisa.

Gostaria de estender meus agradecimentos aos funcionários da Universidade pela ajuda e amparo a todo momento, especialmente a assistente social do campus, Liliane, e aos funcionários da biblioteca, Ednilson, Eudes, Ercília e Fátima.

Aos meus familiares pelo apoio em momentos de necessidade e pelas palavras de incentivo que me ajudaram a seguir esse caminho. Essencialmente, gostaria de agradecer à

minha irmã, Paolla, por cada colo e carinho que me acompanharam durante toda minha existência, sem a sua presença, meus dias seriam cinzas e monótonos. Se estou aqui hoje, também é por você.

Gostaria de agradecer ao meu professor e orientador, professor Dr. José Alonso Tôres Freire, pelas infinitas oportunidades de aprendizado, não só ao longo das disciplinas de Literatura Brasileira, mas, também, em nossa caminhada como orientador e orientanda. Aprendi e aprendo muito com o senhor, muito obrigada!

Por último, mas nem por isso menos importante, deixo aqui registrado o meu mais profundo agradecimento àquela que me salvou e segue me salvando todos os dias, Izabella. Se a sua mão não estivesse segurando a minha ao longo dos últimos anos, eu não teria conquistado um terço do que conquistei, não só academicamente falando. Sua força me inspira a ser um ser humano melhor e fazer com que o mundo seja um lugar bom, não só para mim, mas pelos que ainda virão. Pelo afago que vem quando preciso, pelo consolo que só o silêncio acompanhado pode trazer, pela proteção, absurda compreensão, recíproca admiração, empatia desmedida e por todo o infinito amor, muito obrigada!

PEREIRA, Ana Flávia Carolina Martins Pael. **A atuação política da escritora Pagu (Patrícia Galvão) em textos do jornal “O Homem do Povo”**, 2023. Monografia. UFMS, Aquidauana, 2023.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo explicitar sobre a pesquisa dedicada à análise da atuação política da escritora Patrícia Galvão (Pagu) veiculada no Jornal “O Homem do Povo” (2009). Pagu dividiu a autoria do jornal com Oswald de Andrade e os volumes foram publicados no período entre 27 de março de 1931 a 13 de abril do mesmo ano. Considerando o contexto patriarcal do século XIX e, por meio de outras formas e restrições, ainda vigentes durante boa parte do século XX, é compreensível que tenha havido poucas mulheres brasileiras que poderíamos, hoje, chamar de ativistas na cultura brasileira antes da atuação marcante de Patrícia Rehder Galvão, a Pagu (1910-1962). Escritora, cartunista, desenhista, jornalista, Patrícia Galvão, a Pagu, abordou muitos temas relevantes e até mesmo polêmicos em suas obras, como no romance “Parque industrial” (2013), publicado em 1933. No Jornal “O homem do povo” (2009), objeto desta pesquisa, deixa evidente sua luta pela igualdade e pela necessidade de mais mulheres na participação política de seu tempo, além de abordar criticamente os modelos de homem e mulher ideais e projetando como seria uma igualdade entre os gêneros. Como suporte teórico para a pesquisa, recorremos a vários estudiosos do Modernismo e seus antecedentes, especialmente para compor uma visão do contexto histórico literário, tais como o verbete dedicado a Pagu no “Dicionário crítico de escritoras brasileiras” (2002), de Nelly Novaes Coelho, Wilson Martins, com “A Literatura Brasileira: O Modernismo” (1967), Augusto de Campos, com “Pagu, vida e obra” (2014), entre outras referências sobre o tema.

Palavras-chave: : Literatura Brasileira; Jornal Homem do Povo; Patrícia Galvão (Pagu); Oswald de Andrade.

PEREIRA, Ana Flávia Carolina Martins Pael. **A atuação política da escritora Pagu (Patrícia Galvão) em textos do jornal “O Homem do Povo”**, 2023. Monografia. UFMS, Aquidauana, 2023.

ABSTRACT

The primary objective of this paper is to expound upon a dedicated research effort aimed at the analysis of the political contributions of Patrícia Rehder Galvão, commonly known as Pagu (1910-1962), as manifested in the newspaper "O Homem do Povo" (2009). In this periodical, Pagu collaborated as an author alongside Oswald de Andrade, and the content in question was disseminated over a span ranging from March 27 to April 13, 1931. This investigation is conducted within the overarching backdrop of the prevailing patriarchal milieu of the 19th century, which, despite undergoing transformation, continued to exert influence through various forms and constraints for a substantial portion of the 20th century. It is discernible that the landscape of Brazilian culture was notably devoid of female activists prior to the pioneering endeavors of Patrícia Rehder Galvão. A versatile figure, she functioned as a writer, cartoonist, designer, and journalist, with her literary output encompassing various pertinent and often contentious thematic explorations, most notably exemplified in her novel "Parque Industrial" (2013), initially published in 1933. Within the pages of "O Homem do Povo" (2009), the focal subject of this inquiry, she unequivocally articulated her steadfast commitment to the cause of gender equality and underscored the imperativeness of enhanced female participation in the political landscape of her era. In addition, her writings delved into the conceptualization of idealized archetypes for both men and women, while projecting a vision of what gender equality could potentially entail. Theoretical underpinnings for this research endeavor have been derived from a consortium of scholarly sources, notably from the domain of Modernism and its antecedents. Notable authorities in this context include Nelly Novaes Coelho, who contributed an entry dedicated to Pagu in the "Dicionário crítico de escritoras brasileiras" (2002), as well as Wilson Martins, whose work "A Literatura Brasileira: O Modernismo" (1967) further augments our understanding of the literary and historical backdrop. Moreover, Augusto de Campos has provided invaluable insights through his work "Pagu, vida e obra" (2014), among other pertinent academic resources.

Keywords: Brazilian Literature; Homem do Povo newspaper; Patrícia Galvão (Pagu); Oswald de Andrade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	12
2.1 QUEM FOI PAGU? UMA BREVE APRESENTAÇÃO.....	21
3. PAGU À FRENTE DE SEU TEMPO EM TEXTOS, TIRINHAS E COMPORTAMENTO.....	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo explicitar sobre a pesquisa dedicada à análise da atuação política da escritora Patrícia Galvão (Pagu) no Jornal “O homem do povo”, publicado em edição fac-símile, em 2009, por meio de tirinhas e textos. Patrícia Rehder Galvão, também conhecida por Pagu, dividiu a autoria do jornal com Oswald de Andrade (na época, seu esposo), e os volumes foram veiculados no período entre 27 de março de 1931 a 13 de abril do mesmo ano.

Considerando o contexto patriarcal do século XIX, e, por meio de outras formas e restrições ainda vigentes durante boa parte do século XX, é compreensível que tenha havido poucas mulheres brasileiras, que poderíamos hoje chamar de ativistas na cultura brasileira, antes da atuação marcante de Patrícia Rehder Galvão, a Pagu (1910-1962). Nesse contexto, o aparecimento de Pagu entre os modernistas surpreendeu devido à sua atuação intensa, tanto na escrita, quanto na política, o que lhe rendeu várias prisões. Escritora, cartunista, desenhista e jornalista, Patrícia Galvão, a Pagu, abordou muitos temas relevantes e, até mesmo polêmicos em suas obras, como no romance “Parque industrial” (2013), publicado em 1933.

No Jornal “O homem do povo” (2009), objeto desta pesquisa, a escritora deixa evidente sua luta pela igualdade e pela necessidade de mais mulheres na participação política de seu tempo, além de abordar criticamente os modelos de homem e mulher ideais, bem como projetar como seria uma igualdade entre os gêneros. Como suporte teórico para a pesquisa, recorreremos a vários estudiosos do Modernismo e seus antecedentes, especialmente para compor uma visão do contexto histórico literário. Dentre eles, cita-se: o verbete dedicado a Pagu, presente no “Dicionário crítico de escritoras brasileiras” (2002), de Nelly Novaes Coelho; Wilson Martins, com “A Literatura Brasileira: O Modernismo” (1967); Augusto de Campos, com “Pagu, vida e obra” (2014), entre outras referências pertinentes a pesquisa.

A partir dos objetivos expostos anteriormente, o primeiro item deste trabalho foi dedicado aos pressupostos teóricos. As análises foram baseadas em leituras e fichamentos de obras relacionadas ao período literário em que a obra objeto se deu (Modernismo), assim como a aspectos da vida de pessoas que cercaram Pagu durante sua vida, tais como Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Outrossim, foram realizadas leituras e análises de várias obras, como “Vida e morte da Antropofagia” (2008), de Raul Bopp, e “A literatura brasileira: Modernismo” (1967), de Wilson Martins. Foram consultadas, também, as seguintes obras: verbete dedicado à escritora, o qual consta no “Dicionário crítico de escritoras brasileiras”

(2002), de Nelly Novaes Coelho, o livro "História concisa da literatura brasileira" (1994), de Alfredo Bosi, e a peça teatral escrita por Maria Adelaide Amaral, "Tarsila" (2017). É perceptível, ao consultar materiais relacionados ao modernismo brasileiro, que as pessoas conheciam, de uma forma ou de outra, o trabalho e a atuação de Pagu, seja no âmbito literário ou jornalístico, visto que há um verbete dedicado a ela no "Dicionário crítico de escritoras brasileiras" (2002), de Nelly Novaes Coelho. Em contrapartida, também pode ser observada a ausência de Pagu em obras que falavam sobre a literatura brasileira e pessoas marcantes, o que se pode constatar no livro bastante conhecido de Alfredo Bosi, "História concisa da literatura brasileira" (1994), por exemplo, em que o nome de Patrícia Galvão sequer é mencionado.

Apesar de haver apenas oito anos entre as duas obras supracitadas, não se pode afirmar que Pagu só passou a ser notada mais tarde pelos leitores ou críticos. Para confirmar isso, ressalta-se que Patrícia Rehder Galvão foi a primeira mulher brasileira a ser presa por razões estritamente políticas. Logo, se sua atuação fosse ínfima, ela certamente não teria sido percebida (e punida) pelas autoridades da época.

No segundo item, dedicado às análises propriamente ditas, são abordados aspectos importantes para que, num primeiro momento, exista a compreensão do contexto histórico e político em que sua atuação se deu. A partir daí, serão destacadas e analisadas as tirinhas, bem como os textos produzidos para o jornal "O homem do povo" (2009).

A partir das análises realizadas, podemos antecipar que a presença e atuação de Pagu foram, no mínimo, chocantes para a sociedade da época em que ela viveu e, talvez, seriam chocantes até mesmo na atualidade. Cabe lembrar que tudo que Patrícia Galvão foi e fez se deu num momento histórico em que as mulheres não eram vistas nem como cidadãs, pois o direito ao voto ainda não havia lhes alcançado, que dirá uma atuação política e literária tão forte, da forma como aconteceu, apesar das constantes tentativas de silenciá-la.

Para tanto, este trabalho busca discutir não só a atuação que a jornalista teve no jornal "O homem do povo", mas também apresentar Pagu para estudantes e pessoas que, mesmo nos dias atuais, não a conhecem, nem a sua formidável obra. Além disso, busca-se incentivar a busca por mais "Pagus" que possam ter existido e que não nos deram o direito de, ao menos, conhecê-las. Apesar de ter morrido jovem, aos 42 anos, a colaboração de Patrícia Rehder Galvão para a literatura brasileira, para o que viria a ser o movimento feminista, assim como sua atuação política sem medo, demonstram força e vontade de mudanças e lutas por uma sociedade mais justa e igualitária, que são maiores do que as dificuldades que ela, certamente, encontrou. Portanto, sua história de luta não pode e não deve ser esquecida.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Com o objetivo de embasar as reflexões aqui contidas, além de situar o leitor acerca da escritora, passamos a comentar artigos e obras relacionadas ao Modernismo Brasileiro, período em que Pagu construiu sua contribuição para a literatura brasileira, bem como artigos que abordam a vida e a obra da artista como jornalista. Ao lado de seu então esposo, Oswald de Andrade, Pagu dividiu a autoria do Jornal “O homem do povo, periódico que foi veiculado de 27 de março de 1931 a 13 de abril de 1931. Como dissemos na Introdução, a edição que utilizamos para as análises foi aquela em *fac-símile*, publicada em 2009.

No que diz respeito ao suporte teórico para a pesquisa, comentaremos vários estudiosos do Modernismo e seus antecedentes, especialmente para compor uma visão do contexto histórico literário, tais como o verbete dedicado à Pagu no “Dicionário crítico de escritoras brasileiras” (2002), de Nelly Novaes Coelho; Wilson Martins, com “A Literatura Brasileira: O Modernismo” (1967); e Augusto de Campos, com “Pagu, vida e obra” (2014).

Um importante fator a ser lembrado é o fato de que, no ano em que o jornal foi lançado, as mulheres brasileiras não haviam conquistado sequer o direito ao voto, o que torna a atuação de Pagu ainda mais significativa. Nesse viés, cita-se que os textos e tirinhas que produziu para o jornal possuíam críticas explícitas ao governo da época (início da Era Vargas), bem como com relação à burguesia, ao feminismo que surgia e à Igreja, a qual era, também, alvo de duras críticas por parte de Pagu.

Por conseguinte, menciona-se que Patrícia Galvão teve atuação no movimento modernista brasileiro e surpreendeu por seu intenso desempenho na escrita e na política, o que lhe rendeu problemas com as autoridades, fazendo com que ela fosse presa várias vezes. Assim, Pagu abordou temas relevantes e até mesmo polêmicos em suas obras, como no romance “Parque industrial” (2013), publicado em 1933. No Jornal “O homem do povo” (2009), objeto desta pesquisa, fica evidente sua luta pela igualdade e pela necessidade de mais mulheres na participação política de seu tempo, além de abordar criticamente os modelos de homem e mulher ideais, ao projetar como seria uma igualdade entre os gêneros.

O contexto histórico em que sua atuação, especificamente no Jornal “O homem do povo”, se deu, vale ser lembrado pelo fato não só de que as mulheres não haviam conquistado direito ao voto, mas também não era esperado que mulheres emitissem opiniões contrárias, posicionamentos políticos, muito menos assuntos do que mais tarde viria a ser o feminismo, tal como conhecemos nos dias atuais.

Dado esse contexto, uma percepção é a de que Patrícia Galvão não se tratava de "uma mulher fruto de seu tempo", visto que, desde nova, esteve envolvida com movimentos artísticos e, um pouco mais tarde, políticos. Dessa maneira, elenca-se sua filiação ao partido comunista e, devido ao fato de realizar diversas críticas aos governantes da época, foi presa várias vezes, tendo sido, inclusive, a primeira mulher brasileira a ser presa estritamente por razões políticas.

Outrossim, Pagu foi escritora, cartunista, jornalista e, por várias vezes, abordou temas polêmicos em suas obras. Em sua atuação no jornal "O homem do Povo", produziu textos e tirinhas. Nelas, teceu críticas que não eram implícitas ou receosas, haja vista que essas eram destinadas a pessoas de uma classe social considerada como média e/ou alta. Logo, tais críticas encontravam seu destino, já que o jornal não era tido exatamente como um elemento popular.

No decurso do livro "Vida e morte da Antropofagia" (2008), Raul Bopp discorre, num primeiro momento, sobre o início do movimento que, eventualmente, tornou-se conhecido pelo nome de Antropofágico. Na apresentação "Antropofagia: oitenta anos", escrita por Régis Bonvicino, são apresentados para o leitor os três principais personagens do movimento: Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp. Ademais, o periódico mensal "Revista da Antropofagia" trazia ideias de Oswald, como também de Tarsila, para o que viria a ser o movimento.

Ao ouvir esse termo, é usual que tal nome cause estranheza, dado que uma de suas definições pode ser canibalismo. Nisso, Régis Bonvicino (2008, p.13) explica a origem do termo:

Quando, entre aplausos, chegou o prato com a esperada iguaria, Oswald levantou-se, começou a fazer o elogio da rã, explicando, com uma alta porcentagem de burla, a doutrina da evolução das espécies. Citou autores imaginários, os ovistas holandeses, a teoria dos homúnculos, para provar que a linha da evolução biológica do homem (...) passava pela rã essa mesma rã que estávamos saboreando entre goles de um Chablís gelado.

Tarsila interveio:

_ Com esse argumento, chega-se teoricamente à conclusão de que estamos sendo agora uns... Quase antropófagos.

Após a apresentação, podem-se ver aspectos relacionados a pontos de vista sobre a Semana de Arte Moderna, como a evolução do pensamento moderno que, segundo Raul Bopp, teve início a partir de uma busca para representar os objetos artísticos dentro de formas geométricas puras. Desse modo, eventualmente alcançou o Cubismo, o qual possuía, de acordo

com o autor, caráter estático. Quase simultaneamente, surgiu também o Futurismo, no qual havia a predominância de formas dinâmicas, com alto valor expressivo.

O autor também destaca as raízes nas quais nasceu o Expressionismo, e que, em 1914, após o início da Primeira Guerra Mundial, novas representações gráficas surgiram, a caminho de uma separação distinta dos movimentos anteriores. Um grupo que também se destacou para com o que havia sido feito em momento prévio foi o grupo Dadá. Nesse sentido, Bopp pontua tais aspectos relacionados aos últimos: “as suas demonstrações levavam, geralmente, à tônica de sarcasmo ou burla” (BOPP, 2008, p. 33). Também com as heranças da guerra, o movimento dos Dadá derivou, mais tarde, o Surrealismo, no qual o mundo era reduzido ao imaginário com aspirações obscuras (BOPP, 2008).

Diante do exposto, são salientados, similarmente, aspectos relacionados ao contexto no qual Paris se encontrava nesse período: a cidade borbulhava mudanças, algumas escolas permaneciam, outras caíam em desuso, ou forneciam um pouco do seu espaço. Enquanto Paris fervia nesse caldeirão de transições, pouco disso chegava ao Brasil. Poucas áreas eram vulneráveis a tal agitação. Nessa perspectiva, o autor destaca que São Paulo estava tomada por elementos que afirmavam sua força industrial, mas que o chamado de “espírito moderno” ainda não havia adentrado em seus hábitos, que estava embrionário (BOPP, 2008).

Ao iniciar sua fala no que diz respeito à “Vida e à morte da Antropofagia”, Raul Bopp destaca que, durante a história literária brasileira, mais especificamente em seu início, faltava um censo de identidade própria, e que uma série de elementos derivavam da literatura portuguesa. Com o passar de vários anos, mesmo após a independência, isso ainda permanece, mesmo com o Brasil se destacando em vários aspectos de Portugal e da Europa, pois nossos escritores ainda atravessavam o Atlântico para estudar, e isso afetava a visão que tinham de seu país antes de partirem.

Bopp destaca que os acontecimentos de 1922 desencadearam uma forte reação contra o mau gosto, bem como destruiu o que ele chama de “inutilidades”. O autor também comenta que a Semana de Arte Moderna “desamarrou a poesia em versos livres” (BOPP, 2008), em contraposição com aqueles versos que eram compostos de modo a terem a mesma quantidade de sílabas poéticas, por exemplo. O autor faz um apanhado com relação a esses acontecimentos:

Em resumo: o principal mérito da agitação de 1922 foi acordar o Brasil de um estado de estagnação. O ânimo de renovação liquidou não somente um passivo de idéias antiquadas, que predominavam nas letras e nas artes, como chegou mesmo a influir na formação de um espírito novo, que veio ocupar a nossa órbita política. (BOPP, 2008. p. 52).

Bopp confirma o que é vastamente conhecido: os reflexos do que ocorreu em 1922 alcançou as mais diversas áreas, e que essa mudança autônoma e de espírito jovem assinalou uma época denominada *Antropofagia*. Assim, o autor sublinha que a cidade de São Paulo, no período referente, se encontrava em transição. Começava, de certa forma, a deixar de lado seus aspectos extremamente industriais e começava a dar voz (e espaço) àqueles que eram interessados em movimentos ligados à vida moderna.

Com relação a personagens marcantes do movimento Antropofágico, Raul Bopp fala brevemente sobre Mário de Andrade e como esse era conhecido por, em público, ser uma figura comedida e cuidadosa, mas que, para aqueles que vinham a ter com ele em ambientes e momentos mais íntimos, o enxergavam como brincalhão, espirituoso e festivo.

Fazendo uma comparação dos “Andrade” (Mário e Oswald), o autor elenca que eram totalmente diferentes. Se, por um lado, Mário era conhecido por ser reservado, Oswald era destemido, provocante, tinha uma vida sacudida por aventuras (BOPP, 2008). Todavia, com a chegada de Tarsila do Amaral à sua vida, Oswald deixou de exibir suas reações, que, às vezes, podiam ser até entendidas como violentas nos debates que aconteciam sobre o que Bopp chama de “coisas de arte moderna”. Outrossim, apresentava uma sensibilidade intuitiva, tornando-se uma pessoa que dialogava mais e discutia de maneira menos exagerada, no sentido de que, ao tratar de certos assuntos, não apresentava mais aquela antiga agressividade em seu discurso.

Bopp comenta, também, sobre as reuniões que aconteciam num palacete de Oswald e Tarsila, e que essas eram repletas de figuras intelectuais, comumente regadas aos ritmos improvisados do pianista Souza Lima (BOPP, 2008). Tais encontros se tornaram frequentes. O autor ainda cita a presença de Pagu, nessa época ainda adolescente, sob a tutela do casal Oswald-Tarsila.

Sobre a filha de Tarsila, Dulce, o autor apresenta quase um contraste, se compararmos ela com Pagu, que costumava dançar em meio aos amigos do casal, pois aquela “esquivava-se, as mais das vezes, de participar dessas reuniões. Preferia ficar sozinha, em sala privada, mexendo distraidamente as teclas do piano” (BOPP, 2008, p. 57).

O autor retoma a origem do termo *Movimento Antropofágico*, comentado anteriormente por Régis Bonvicino, na apresentação do livro. À vista disso, comenta que, alguns dias após o encontro no “restaurante das rãs”, o mesmo grupo se reuniu no palacete de Tarsila, momento em que Oswald de Andrade propôs o desencadear de um movimento de reação genuinamente brasileiro (BOPP, 2008, p. 58), e aprofunda:

A Antropofagia apontou seus rumos: debaixo de um Brasil de enlaces profundos, ainda incógnito, por descobrir. O movimento, portanto, seria de descida às fontes genuínas, ainda puras, para captar os germens de renovação; retomar esse Brasil, subjacente, de alma embrionária (...) e procurar alcançar uma síntese própria, com maior densidade de consciência nacional. (BOPP, 2008, p. 58-59).

No trecho descrito como civilização técnica, o autor traz uma fala de Oswald de Andrade que parece ter surgido dos dias atuais, quando comenta a situação que passou a habitar nossas terras junto com os portugueses: “o homem branco chegou, trazendo a gramática lusa, o baralho e a ideia do pecado. Essas sementes criaram profundas raízes. Quase que acabam com o Brasil” (BOPP, 2008, p. 60).

O surgimento da *Revista da Antropofagia*, ocorrido em maio de 1928, é comentado pelo autor, bem como sobre sua função, que seria de servir como uma espécie de cartão de visita para que os membros do movimento estivessem em contato com centros de vanguardas em diferentes estados, como Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Bopp também expõe sobre a necessidade que surgiu de serem realizados ajustes no que dizia respeito aos objetivos do *movimento antropofágico*. Ademais, o movimento também necessitava de divulgação, a qual veio por meio de uma página no jornal “Diário de São Paulo”, cedida por Rubens do Amaral (BOPP, 2008, p. 62).

O afastamento do autor de “Macunaíma”, Mário de Andrade, que aconteceu após o convite que ele recebeu de Oswald para se juntar ao movimento, é comentado pelo autor, seguido da nota de que Mário estava satisfeito com sua popularidade após a Semana de Arte Moderna, e que preferia ficar em sossego. Assim, eventualmente, se afastou do grupo (BOPP, 2008, p. 62-63).

O dicionário crítico de escritoras brasileiras, escrito por Nelly Novaes Coelho, do ano de 2002, traz um verbete sobre Pagu. Nisso, destacam-se as primeiras palavras que aparecem ali: romancista, jornalista, ardorosa militante feminista e política (Coelho, 2002), as quais poderiam resumir boa parte da vida e atuação de Pagu. A nota também traz aspectos relacionados à sua vida acadêmica e profissional, a saber: onde estudou e trabalhou como, por exemplo, o emprego de redatora que Pagu teve no exterior, no jornal L'Avant - Garde, em Paris.

O verbete também destaca os países nos quais Patrícia Galvão atuou politicamente, comentando, também, sobre as prisões que a escritora teve. Acerca da relação de Pagu com Oswald de Andrade, há poucas informações, pois expõe apenas que, quando Pagu retornou ao Brasil, por volta de 1930, encontrou um Oswald abatido pela crise de 1929, e que ele havia se

separado recentemente de Tarsila do Amaral. Não há relatos, no verbete, que comentem sobre a adoção intelectual que o casal teve para com Pagu. A autora comenta que o casal Oswald/Pagu durou pouco, mesmo tendo como fruto o menino Rudá.

Voltando-se para os aspectos profissionais, Coelho (2002) trata sobre a fase em que Pagu colaborou em contos policiais numa revista que tinha Nelson Rodrigues como diretor. Obras como “Parque Industrial” (1931), e o romance “A famosa revista”, escrito em parceria com Geraldo Ferraz, seu segundo marido, também são destacadas.

No artigo denominado “Modernidade e emancipação feminina nas tirinhas de Pagu” (2017), de Jéssica Antunes Ferrara, a autora apresenta a ascensão da mulher como uma figura politicamente ativa e a desintegração dos estereótipos de gênero e conceitos inovadores na literatura modernista brasileira. Também pontua que essas ideias surgiram a partir das transformações artísticas e políticas da notável personalidade de Pagu. A autora ainda menciona em seu artigo a representatividade feminina por meio das personagens ficcionais que fazem parte das tirinhas de Pagu no jornal “O homem do povo” (2009). Com o intuito de apresentar um contexto teórico e histórico em momento anterior às análises das tirinhas de Pagu, a autora apresenta conceitos relacionados à modernidade e sobre como, sob a ótica de Marshall Berman, essa pode ser dividida em ciclos.

Segundo Berman (2007), tais períodos diziam respeito, respectivamente, a: em primeiro momento, uma fase em que as pessoas estavam entrando em contato com a modernidade e começando a experimentá-la. Nisso, seguiu um período em que surgiu um sentimento de que se estava vivendo numa era revolucionária, com mudanças sociais e políticas em curso. Contudo, a lembrança de uma vivência material e espiritual profunda ainda criava uma sensação de se estar em dois mundos simultaneamente. O que leva ao terceiro estágio, em que a modernização atinge todo o mundo e a cultura do modernismo em desenvolvimento é refletida na arte e no pensamento.

Dando início ao tema proposto pelo artigo, Jéssica Antunes Ferrara (2017) comenta que as histórias em quadrinhos se desenvolveram no cenário da Revolução Industrial. Isso se deu em resposta a uma nova realidade econômica e social que exigia uma forma diferente de comunicação. Esse novo tipo de literatura, que combina palavras e imagens, surgiu como uma maneira de atender a essa demanda e refletir a transformação em curso, levando à necessidade de reformulação das teorias e práticas comunicacionais.

Enfatiza-se que até o final da Revolução Industrial, havia separação entre o que era consumido pelos ricos e pelos populares. Dessa forma, os eruditos acreditavam que seus

conteúdos poderiam oferecer maior “riqueza espiritual”. Porém, o surgimento da cultura de massa - que pode ser entendida como o processo de fabricação de livros, filmes, peças teatrais, música e outras formas de arte pela indústria do entretenimento ou indústria cultural - e que tem como objetivo atender às demandas capitalistas, por arte e cultura, fez com que os quadrinhos se tornassem uma literatura possível, pois "distraíam" o proletariado de suas duras vivências diárias.

Ressalta-se, no entanto, que apenas no período referente à Segunda Guerra Mundial os quadrinhos passaram a ser utilizados como ferramentas sociais. Quando personagens femininas começaram a aparecer, era comum que isso fosse feito de uma forma que não conversava com a realidade. Logo, fazia parte desse contexto vê-las como subjugadas, implicantes, assexuais (ou o seu oposto: hipersexualizadas).

Em países em que o contexto de colonização foi presente, como no Brasil, o cenário muda um pouco. Os nossos estereótipos (quaisquer que fossem, mas, nesse caso, os femininos) não necessariamente pertenciam ao nosso povo e à nossa cultura, visto que são percebidos por filtros de colonizadores. A autora retoma que, justamente por todos esses fatores aqui comentados, a obra de Pagu pode e deve ser considerada inédita para seu contexto, além de emancipatória, uma vez que abre portas e possibilidades que, até o momento, não haviam sido imaginadas para mulheres.

A indispensável produção de Alexandra Kollontai também é citada por Ferrara (2017) a fim de evidenciar que a modernidade e as identidades que ela contém estão inerentemente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo e que, devido aos desdobramentos obtidos após a Revolução Industrial, as mulheres passaram a ser duplamente exploradas: pelo sistema patriarcal e pelo sistema capitalista. Entretanto, não era "viável" para os movimentos sociais da época, incluir as demandas femininas, obrigando as mulheres ligadas a partidos políticos a desenvolverem comunidades à parte, gerando, assim, o que foi chamado de "primeira onda feminista". Vale salientar que esse era um movimento fundamentalmente classista. Um exemplo citado pela autora do artigo é o da bióloga Bertha Lutz, que lutava apenas em favor de mulheres alfabetizadas, o que, definitivamente, não representava a maioria naquela época.

Jéssica Antunes Ferrara (2017) destaca ainda que Pagu procurou evidenciar que nenhuma luta pode se dar isoladamente da outra e que a representatividade não deve se restringir a mulheres de classe social privilegiada. A autora aponta, também, que as ilustrações feitas por Pagu para o jornal “O homem do povo”, tanto as figuras como as tirinhas, continham críticas relacionadas a esse dito feminismo, e que um dos aspectos a ser considerado como de

alienação vinha dos cinemas, o qual, naquele momento, representava, basicamente, mulheres como figuras estereotipadas (Ferrara, 2017, p. 10).

A autora comenta sobre as tirinhas de Pagu escritas para o jornal “O homem do povo” (2009), que tinham por título *Malakabeça, Fanika e Kabelluda*, evidencia a forma com a qual Pagu se utilizou de meios frequentemente empregados na comunicação da indústria cultural, como o uso de histórias em quadrinhos e ilustrações, para deixar claro seu ponto de vista revolucionário e de esquerda. Além disso, um elemento que não pode deixar de ser mencionado é o de que a personagem Kabelluda representava tudo aquilo que a sociedade da época mais abominava: uma mulher com opiniões, ativa politicamente, que não era submissa em nenhum grau, inclusive do marido, até porque a personagem não era casada, o que não a impediu de aparecer em uma das tirinhas, grávida, fato que, para a época, era lido como um escândalo sem dimensões.

Kabelluda também era declaradamente comunista. Uma interpretação possível é a de que Pagu trazia esses aspectos de forma intencional para “ferir”, causar incômodo, discussões e reflexão. Um elemento que não passa despercebido é a clareza no que concerne os assuntos delicados trazidos por intermédio das tiras como, por exemplo, liberdade sexual e a escolha do parceiro, de acordo com suas preferências políticas, como é destacado pela autora. Existe uma probabilidade muito grande de que essas tirinhas, sendo produzidas daquela exata forma, trouxeram informações para as mulheres, dentro de suas casas, no ano de 1931, que, de outra forma, não chegariam.

Ao final do artigo, a autora destaca a maneira com a qual Pagu representou uma figura feminina emancipada, independente e verdadeira a si mesma (Kabelluda) nas tirinhas, sem se preocupar com os moldes “sugeridos” para ela naquela época. Nisso, menciona-se o trecho em que a autora comenta: “contrariando a norma, Pagu fez tirinhas críticas, de ideologia marxista declarada, em um semanário que inovava não só o discurso político do país, como também a produção artística” (FERRARA, 2017, p. 16). O meio em que essas duras críticas circulavam não pode deixar de ser mencionado, pois o jornal abrangia justamente um dos que pode ser considerado como “público-alvo” de Pagu: pessoas da elite.

A coragem que exigia ser tudo o que Pagu representou e foi, no período em que viveu, mostra a força de uma mulher que não demonstrou medo em momento algum: não temeu os julgamentos do público, da classe burguesa, nem mesmo dos estudantes de direito que, frequentemente, desferiam ataques à figura de seu esposo, Oswald de Andrade, no período referente. Se por um lado temos vários autores que comentam sobre a participação que Pagu

teve na literatura brasileira, bem como a atuação jornalística e política, por outro, pode-se identificar uma possível tentativa de silenciá-la, como não mencionar, nem por uma linha, algum elemento vinculado à autora no livro “História concisa da Literatura Brasileira” (1994), de Alfredo Bosi. Salienta-se que a obra, publicada inicialmente no ano de 1982, não contém nenhuma informação com relação a Pagu.

Entende-se a difícil missão de tentar compilar todos os aspectos e contextos da literatura brasileira até aquele momento, mas o fato de não existir a menor das menções ao nome de Patrícia Galvão não deve passar despercebido por nossos olhos. Com isso, destaca-se que essa possibilidade de silenciar a autora não é confirmada pelo autor do livro, mas acredita-se que seja interessante ressaltar a falta de Pagu na obra, afinal, não dizer nada sobre ela, acaba dizendo algo.

2.1. QUEM FOI PAGU? UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Patrícia Rehder Galvão, a Pagu, nasceu na cidade de São Paulo, no dia nove de setembro de 1910, em uma família que não era de origem necessariamente humilde, formada no que hoje seria equivalente ao curso de pedagogia, na época chamado de Curso Normal, e se aperfeiçoou na área do jornalismo. Trabalhou em grandes jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro e morou em Paris, onde foi redatora, como já mencionado.

Desde o início de sua atuação profissional, militou por movimentos de esquerda, o que lhe rendeu mais de vinte prisões, tanto no exterior, quanto no Brasil. Ao voltar para terras brasileiras, vinculou-se ao partido comunista brasileiro e passou a ter atuações mais fortes. É comum encontrar registros que contam sobre a forma como Pagu se portava, vestida de modo vulgar para os padrões da época. Além disso, também fumava e costumava falar palavrões. Se tais atitudes e maneiras de viver não são vistas com bons olhos nos dias atuais, pode-se imaginar o que se pensava sobre ela nos anos 30, do século XX.

Com essas informações em mãos, podemos ter uma pequena ideia do turbilhão de acontecimentos que foi Pagu. Ela fugia de tudo aquilo que se esperava de uma mulher do século XX, não só em aspectos ligados à vida pessoal. Foi estudar no exterior e também trabalhou em jornais de Paris, o que nos indica que seus objetivos não eram “apenas” se profissionalizar, pois ela desejava, de fato, realizar mudanças na sociedade da época.

É importante destacar um aspecto que pode ser visto como polêmico e não muito divulgado em obras historiográficas. Antes de casar-se com Oswald de Andrade, Pagu havia sido adotada por Oswald e Tarsila do Amaral. O casamento aconteceu quando Pagu tinha

dezoito anos de idade, em primeiro de abril de 1930. Na apresentação do livro “Tarsila” (2017), peça escrita por Maria Adelaide Amaral, inspirada na obra de Tarsila do Amaral, a autora comenta que, por meio de indicações de familiares de Tarsila, conversou com o artista Tuneu (Antonio Carlos Rodrigues), que estudou com a pintora e, segundo ele, Tarsila jamais mencionou o nome de Pagu após Oswald de Andrade tê-la abandonado, passando a referir-se a ela apenas como “aquela normalista”.

Esse registro apresenta um contexto importante para um aspecto das análises de textos e tirinhas produzidos por Pagu para o jornal “O homem do povo”, especificamente das tirinhas, nas quais é possível identificar certa familiaridade entre os personagens Malakabeça, Fanika e Kabelluda com Oswald, Tarsila, e a própria Pagu, respectivamente. Mencionamos que esse item será desenvolvido com mais detalhes em análise posterior.

3. PAGU À FRENTE DE SEU TEMPO EM TEXTOS, TIRINHAS E COMPORTAMENTO

Após a leitura do objeto desta pesquisa, o jornal “O homem do povo” (2009) pode ser considerado uma obra, no mínimo, polêmica. Textos associados à Pagu são comumente marcados pela ironia e por críticas bastante explícitas com relação ao Estado, à Igreja e à classe burguesa da época, em especial às mulheres que, aparentemente, buscavam por um mundo melhor, desde que as mudanças positivas acontecessem apenas para elas.

Na série de tirinhas produzida por Pagu, denominada “Malakabeça, Fanika e Kabelluda”, existe um contraste muito grande com relação às duas personagens femininas existentes. Desse modo, por um lado, vemos a revolucionária Kabelluda, comunista e sem medo do mundo, que, em determinado momento, saiu do Brasil e retornou grávida, apesar de não ser casada. Do outro prisma, vemos a dona de casa e constante crítica às atitudes de Kabelluda, de nome Fanika.

Essa segunda personagem pode ser considerada como uma mulher que, de certa forma, “pertencia” àquela época, pois vivia do modo que era esperado dela, tinha atitudes que qualquer um do seu tempo aprovaria etc. De outra face, temos o alvo de todas as críticas que existiam para serem feitas a uma mulher do século XX: uma mulher de opiniões, que não tinha medo de se calar ou de se posicionar sobre qualquer que fosse o assunto. Esse jogo de contrastes e troca que existe entre elas é algo interessante de se notar, como se pode ver na tirinha reproduzida a seguir:



Figura 1: Tirinha presente na sexta edição do jornal “O homem do povo”.

Na tirinha expressa, podemos ver que a personagem Kabelluda foge do Brasil e, assim, é possível entender que houve algum tipo de relacionamento enquanto esteve em Portugal, já que, na legenda, temos a frase: “Os portugueses sentiram o cheirinho e deram em cima”

(ANDRADE E GALVÃO, 2009). Em seguida, ela retorna ao Brasil com, o que se pode entender, sua filha, pelo diminutivo “Kabelludinha”. Fanika, tratada como “moralista”, não fica feliz com a notícia, tendo em vista que Kabelluda era uma mulher solteira, logo, seria inadmissível essa aparição dela grávida.

Há um aspecto que merece destaque no que diz respeito aos personagens que compõem o universo das tirinhas que foram denominadas por Pagu como “Malakabeça, Fanika e Kabelluda”. Malakabeça é uma figura masculina, Fanika e Kabelluda são figuras femininas. Apesar de haver duas personagens mulheres, a representação gráfica das duas destoa em vários aspectos, além do que previamente foi comentado sobre elas. Fanika é uma figura grande e de aparência quase caricata. Já Kabelluda é pequena, de traços finos e delicados. Logo, não podemos pensar que tais aspectos existiriam sem motivo, ainda mais se considerarmos a autora das tirinhas. Essa diferença pode ser observada, a seguir, em relação às formas físicas das personagens Fanika e Kabelluda:

m a l a k a b e ç a f a n i k a e k a b e l l u d a

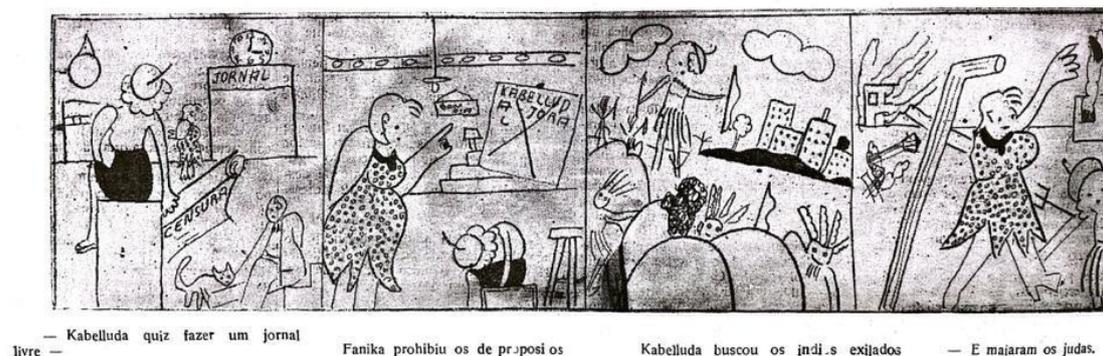


Figura 02: Tirinha presente na quinta edição do jornal “O homem do povo”.

Levando em consideração a relação que houve entre o casal Oswald-Tarsila e a decisão que ambos tiveram de adotar intelectualmente Pagu, e de que ela morou por alguns anos com o casal, podemos entender que os personagens das tirinhas se conectam com figuras conhecidas por nós. Malakabeça pode ser associado ao próprio Oswald, Fanika a Tarsila e a singela Kabelluda à própria Pagu. Não há como confirmar essa interpretação, mas não são poucas as situações em que essa versão parece estar conectada a fatos. Podemos observar os aspectos comentados na tirinha abaixo reproduzida:

m a l a k a b e ç a f a n i k a e k a b e l l u d a

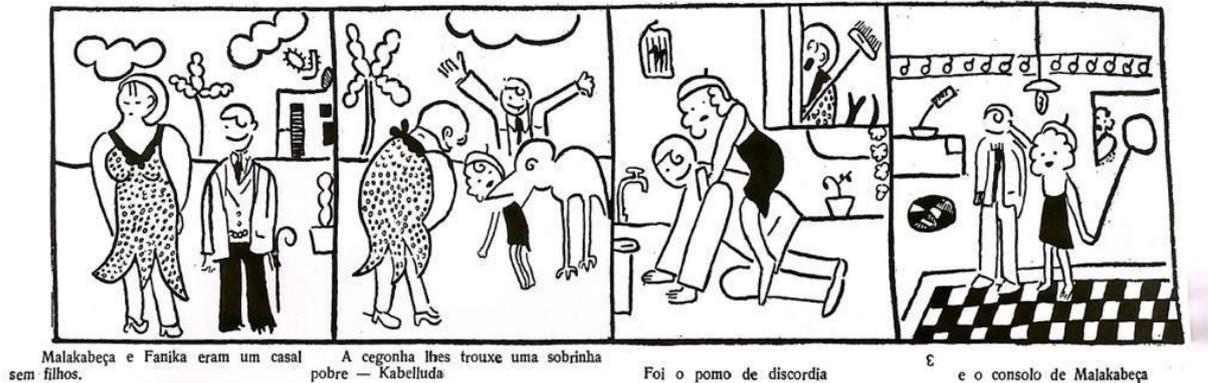


Figura 03: Tirinha presente na segunda edição do jornal “O homem do povo”.

Como se vê na tirinha, um casal recebe a visita da cegonha, a qual traz uma menina para eles. A seguir, observamos que a relação dessa menina com Malakabeça, o homem do casal, é observada com preocupação pela esposa, Fanika. Assim, a menina “adotada” se transforma no pomo da discórdia do casal.

Além das tirinhas produzidas para cada uma das oito edições do jornal “O homem do povo”, Pagu também foi responsável pela seção “A mulher do povo”, presente em todas as edições. Um detalhe importante é o de que nem todos os textos ela assinou como Pagu, visto que utilizou pseudônimos que podem ser associados a ela, como: Brequinha, presente na quarta edição, Cobra, na primeira edição, G. Léa, também na primeira edição, Irmã Paula, presentes na primeira e na quinta edições, Mme. Chiquinha, na segunda edição, Peste, assinatura da tirinha da primeira edição e K. B. Luda, que pode ser encontrada nas edições 6 e 7 do periódico.

Nos textos destinados à seção “A mulher do povo”, Pagu destila críticas ao que seria o feminismo de anos mais tarde, questionando a urgência com a qual as mulheres tratavam certos assuntos, e outros aos quais não davam as mesmas proporções. Na primeira edição de “A mulher do povo”, Pagu comenta:

Estas feministas de elite, que negam o voto aos operários e trabalhadores sem instrução, porque, não lhes sobra tempo do trabalho forçado a que se tem que entregar para a manutenção dos seus filhos, se esquece que a limitação de natalidade quase que já existe mesmo nas classes mais pobres e que os problemas todos da vida econômica e social ainda estão para ser resolvidos.

Em poucas linhas, Pagu apresenta a capacidade de questionar a falta de preocupação com o que realmente importa: a vida e a condição de trabalhadores, enquanto emite comentários que muito provavelmente deixaram muitas mulheres de classe social superior de narizes tortos.

Presente também na primeira edição, podemos encontrar um texto assinado por um de seus pseudônimos, Cobra, na seção de nome “Mulher dos syndicalismos”. Nele, Pagu fala sobre a constante necessidade que algumas mulheres têm de sentir que seus corpos devem ser livres de gorduras indesejadas, ou então que desejam um corpo masculinizado, forte, mas não necessariamente sadio. Novamente, questiona sobre a necessidade dessas discussões existirem e, mais do que isso, se sobreponem às causas sociais. Já é chocante por si só uma mulher do século XX atentar a essas questões, que dirá questioná-las, mas Pagu o fazia, sem fazer questão de esconder ou medir suas palavras.

Ainda na primeira edição do periódico, com outro de seus pseudônimos, dessa vez “G. Léa”, Pagu discorre a respeito da necessidade de um mercado cinematográfico genuinamente brasileiro e tropical. Questiona empresários, espectadores e atores, em um texto relativamente pequeno, mas nem por isso menos impactante. Nesse sentido, destaca-se o trecho: “país entravado por uma moral caduca e sem sentido, não será aqui na terra das senhoras católicas cheias de pecado e apavoradas com o inferno, que se possa cultivar o interesse da tela, como não se cultivar o interesse da vida” (ANDRADE E GALVÃO, 2009).

Nesse trecho, é possível notar que a mensagem que Pagu desejava expressar era exatamente aquilo que estava dizendo, independente se a crítica fosse para mulheres ricas (e, provavelmente, católicas, como o trecho indica), empresários ou pessoas de grande influência no ramo, ou seja, ela não se sentia intimidada. Na primeira tirinha presente no periódico, vários são os aspectos que podemos destacar. A seguir, temos a tirinha:



Figura 04: Tirinha presente na segunda edição do jornal “O homem do povo”.

Como citado anteriormente, uma interpretação possível é a de que as personagens das tirinhas “Malakabeça, Fanika e Kabelluda” façam referência a personalidades que conhecemos muito bem, sendo elas, respectivamente, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral

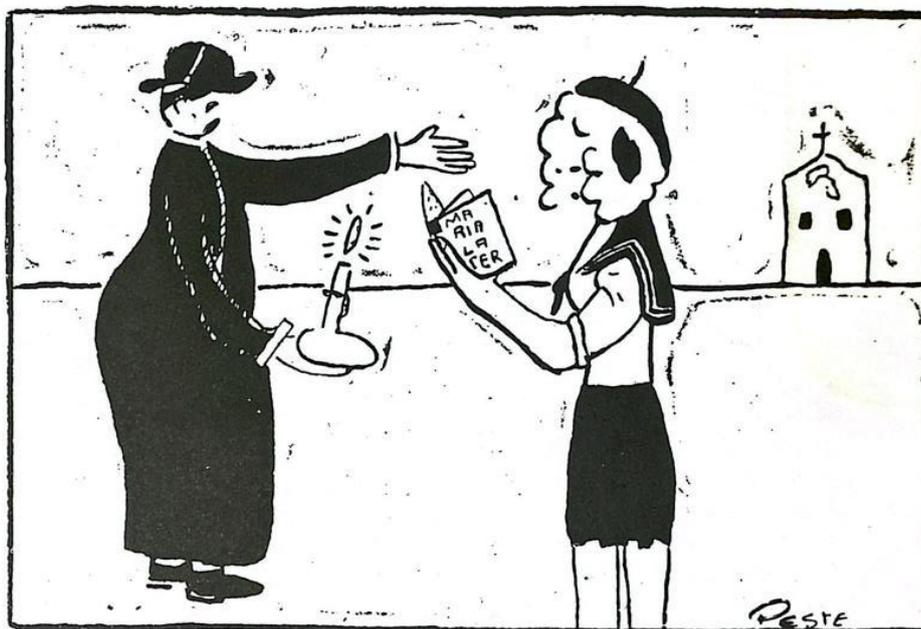
e a própria Pagu. Nessa tirinha, em especial, veiculada na primeira edição do jornal, vemos a personagem Kabelluda decidindo fundar um jornal “do povo”. Não só decidiu, como encorajou Malakabeça a organizar a ideia.

As semelhanças com a realidade não são poucas, não só no que diz respeito à formação e à participação de Oswald e Pagu, mas também com relação à duração do periódico. Destaca-se ali que o jornal fez sucesso, mas logo fechou, fato que pode ser entendido como uma referência ao próprio jornal “O homem do povo”, o qual teve duração de apenas dezoito dias.

A responsabilidade de Pagu no jornal não se resumiu apenas às tirinhas, pois a ela também foi atribuída a função de ilustradora. Ao longo das edições, percebemos uma ilustração com uma de suas assinaturas, dessa vez Peste, como podemos ver a seguir.

improprio para menores

O Vaticano proibiu aos paes e professores a explicação de assumptos íntimos que só compete ao sacerdote.



— Minha filha, o Papa disse que só o padre pode ministrar educação sexual às crianças.

Figura 05: Tirinha presente na segunda edição do jornal “O homem do povo”.

Na ilustração citada, de nome “Improprio para menores”, percebemos duas figuras: um padre e uma figura feminina, sendo essa última muito similar, senão idêntica à personagem

Kabelluda, já vista anteriormente. Acima da tirinha, os dizeres “O Vaticano proibiu aos pais e professores a explicação de assuntos íntimos que só compete ao sacerdote”. Logo abaixo da imagem, indicando a fala da figura do padre, pode-se ler “Minha filha, o Papa disse que só o padre pode ministrar educação sexual às crianças”.

Afirmar que Pagu desferiu críticas à Igreja parece simplista para indicar o que foi realizado nessa edição. Dessa maneira, em uma interpretação, é possível pensar que a imagem não tem conexão com a realidade e apresenta uma situação hipotética, do mundo imaginário. Porém, para olhos minimamente atentos, é viável pensar que, mesmo no ano de 1931, Pagu já atentava para esse assunto importante e tratado como tabu pela igreja. Outrossim, a escritora buscou questionar e, por que não (de certa forma), denunciar casos de pedofilia que aconteceram e que, infelizmente, seguem acontecendo em instituições ligadas ao cristianismo.

A tirinha presente na quarta edição do periódico parece continuar a ideia de crítica com relação à Igreja. A seguir, podemos visualizá-la:



Figura 06: Tirinha presente na segunda edição do jornal “O homem do povo”.

Nessa tirinha, a personagem Kabelluda realiza uma reunião, descrita como “meeting comunista”, e, em seguida, é presa e morta. Além disso, no último quadrinho, podemos identificar aspectos que fazem menção ao cristianismo. Após ser fuzilada, Kabelluda ressurgue dos mortos, o que faz ao terceiro dia, e, ao fundo, é possível visualizar uma montanha com três cruzeiras. Um dos pilares do cristianismo está em que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos três dias após seu falecimento. Levando em consideração o teor dos textos produzidos por Pagu, seria uma implicação clara pensar que a forma como a personagem Kabelluda é desenhada nessa tirinha faz referência a Jesus Cristo e sua suposta ressurreição. Kabelluda não só “ressuscita”, como jura vingança àqueles que a fuzilaram, dizendo “agora vocês me pagam”.

Na edição de número cinco, na seção “A mulher do povo”, Pagu é responsável por desferir palavras nada gentis às mulheres católicas que seguem os mandamentos da Igreja e os passam para suas filhas, mesmo que revelem sua hipocrisia quando ninguém as observa. Nisso, pontuamos o último parágrafo da seção, em especial, quando Pagu diz: “Senhoras que cospem na prostituição, mas vivem sofrendo escondidas num véu de sujeira e festinhas hipócritas e maçantes, onde organizam o hino de cornetas ligadas pra todos os gozos, num coro estéril, mas barulhento” (ANDRADE E GALVÃO, 2009)

Na sexta edição, na seção “A mulher do povo”, que tem por título os dizeres “saibam ser maricons”, Pagu traz críticas ao culto que homens e mulheres da época tinham para com tudo que vinha de fora do país, desde literatura a passos de dança. Questiona o que foi imposto aos indígenas com a chegada dos portugueses no trecho seguinte: “a civilização e o padre trouxeram pra cá o preconceito e o pecadinho, e a coisa hoje é mais feia do que nunca” (ANDRADE E GALVÃO, 2009).

Um dos fatores que levam à interpretação de que a personagem Kabelluda, das tirinhas, se refere à Pagu é o de que textos assinados por “K. B. Luda” (que podem ser encontrados na sexta e sétima edição do Jornal) são associados a ela, o que pode confirmar essa suposição.

Presentes nas edições de número sete e oito, temos a seção “Correspondência”, em que Pagu comentava sobre cartas enviadas por leitoras (se eram reais ou não, não fica claro). Apesar de terem pouco espaço físico no jornal, seu conteúdo era, no mínimo, crítico, bem como explícito. A seção seguia a estrutura em que primeiro aparecia o nome da pessoa que enviou a carta ou comentário e, em seguida, a resposta dada por Pagu. Em um fragmento presente na sétima edição, a jornalista comenta sobre religião:

(...) a religião é o maior inimigo do oprimido. Amortece o sentido da revolução. É a maior arma de que se serve o burguês para melhor explorar o pobre. Ele vê o filho morrer de fome e se resigna com todo o sofrimento na esperança de uma vida futura melhor. E você sabe perfeitamente que essa vida não vem... (ANDRADE E GALVÃO, 2009)

Pagu também utilizou essa seção para responder a comentários que indicavam ameaça à sua vida, bem como à existência do jornal, citando, em um dos comentários que “ameaças não se põem no envelope”. Na oitava e última edição do jornal, na seção “Correspondência”,

Pagu também respondeu ao que pareciam ser ameaças no seguinte trecho: “Não seja trouxa, nós não temos medo de ninguém”, esbravejou Pagu (ANDRADE E GALVÃO, 2009)¹.

4. O QUE QUER E O QUE PODE UMA MULHER ESCRITORA – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma conclusão que pode ser tomada como verdadeira em relação à Patrícia Galvão é a de que ela, definitivamente, viveu uma série de vidas dentro de uma só. Era muito nova quando entrou para o movimento Antropofágico, o qual foi presidido por Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp. Filiou-se ao partido comunista brasileiro, sendo presa e considerada a primeira mulher a ser presa no Brasil por razões estritamente políticas, enquanto ainda era nova.

Por meio da leitura e análise de suas obras, é possível perceber as várias formas nas quais Pagu se diferenciou das mulheres “típicas” dos séculos XIX e XX. Ela não tinha medo de dizer o que queria, da maneira como desejava e que julgasse adequada. Ultrapassou o que muitos considerariam limites para com uma mulher naquela época e que, infelizmente, ainda permeiam os dias atuais. Se é chocante vermos o modo que Pagu viveu no século passado, vale lembrar que o seu comportamento, mesmo atualmente, seria escandaloso para muitos.

É possível concluir que a vida e obra de Patrícia Rehder Galvão são difíceis de conceituar ou de “colocar em uma caixinha”, pois ela não foi uma figura estática. Pagu foi, com toda a vontade que tinha de ser, uma figura dinâmica, marcante, que se destacou e que foi pioneira numa série de aspectos. Suas contribuições, independentes do meio em que foram veiculadas, merecem ser estudadas a fundo.

Vale a pena retomar o aspecto de que, em nossos dias, podemos perceber e ter a dimensão de tudo que Patrícia Galvão foi e representou, mas que isso não se aplicou a todos os que realizaram pesquisas historiográficas na área da literatura brasileira do período em que Pagu viveu e atuou. E, como dito anteriormente, não falar sobre algum acontecimento ou, nesse caso, pessoa, acaba por dizer algo.

A figura que Pagu foi, de certa forma, e segue sendo um grande exemplo de rebeldia contra tudo aquilo o que se espera de uma mulher, independentemente da época em que viva.

¹ Apesar dos grandes manuais não mencionarem a escritora, vários trabalhos foram desenvolvidos, tais como: “A propósito de Pagu”, de Mariza Corrêa; “Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo”, de Heloisa Pontes; “Mulheres e história: estudo biográfico de Patrícia Galvão (1929-1962)”, de Monize Bonfante Laurindo e “Pagu: poesia, militância e condição feminina”, de Arlindo Rebechi Junior.

Apesar das muitas mudanças que ocorreram e seguem acontecendo, desde a época em que Pagu viveu e atuou, ainda há um grande caminho a percorrer no que diz respeito à valorização de figuras femininas por tudo aquilo que, de fato são, e não meramente da expectativa que há com relação ao que querem que elas sejam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia (Pagu); LIMA, Queiroz. **O homem do povo (março/abril 1931)**: coleção completa e fac-similar do jornal criado e dirigido por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu). 3. ed. São Paulo: Globo; Museu Lasar Segall; Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2009.

AMARAL, Maria Adelaide. **Tarsila**. 1. ed. São Paulo: Mediafashion, 2017.

BOPP, Raul. **Vida e morte da Antropofagia**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008 (Sabor Literário).

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 32. ed revista e aumentada. São Paulo: Cultrix, 1994.

CORRÊA, M. A propósito de Pagu. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 1, p. 7–17, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1677>. Acesso em: 28 nov. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

FERRARA, Jéssica Antunes. Modernidade e emancipação feminina nas Tirinhas de Pagu. **Darandina**, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 1-20, dezembro, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2017.v10.28132>.

GALVÃO, Patrícia (Pagu). **Parque industrial. Romance proletário**. Prólogo de Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Editora Cintra, 2013. Edição Kindle.

LAURINDO, Monize Bonfante. **Mulheres e história: estudo biográfico de Patrícia Galvão (1929-1962)**. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (HIS Licenciatura e Bacharelado) Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Criciúma, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/733>. Acesso em 27, nov 2023.

PONTES, Heloisa. Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo. **SciELO**, Campinas, Jun 2006. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/b8DQ4YF53vSHDBftzGLccQ/?lang=pt&format=html#>. Acesso em 27, nov 2023.

MARTINS, Wilson. **A literatura brasileira. O modernismo (1916-1945)**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

REBECHI JUNIOR, A. Pagu: poesia, militância e condição feminina. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 159-170, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v23i1p159-170. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/145613>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SEFFRIN, André (org.). **1922 e depois: Tarsila, Anita, Di e outros personagens: Mário de Andrade, Rubem Braga, Walmir Ayala.** - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Obras de Pagu

Parque Industrial

Autobiografia Precoce

A Famosa Revista

Até onde chega a sonda: Escritos prisionais

Safra Macabra (assinado como King Shelter)

Croquis de Pagu e outros momentos que foram devorados reunidos (Organizado por Lucia Maria Teixeira Furlani)

Meu corpo quer extensão: uma antologia (compilado por Gênese Andrade)